

EVANDRO AFFONSO FERREIRA

O autidorista

É aparentemente monótono, sim senhor, doutor, concordo, todo dia é essa rotineira de colar-descolar-colar folhas gigantescas mostrando os produtos mais variados possíveis, ufa, são quinze anos colando-descolando-colando propaganda de cigarro, bebida, roupa, carro, banco, refrigerante, exe, sobe-desce escadas, rasga propaganda velha, cola propaganda (desculpe o trocadilho) novinha em folha; mês que vem o malacafento aqui vai se aposentar, se Deus quiser; desculpe, doutor, estou esturvinhado, mudei o rumo da conversa, bom, conforme ia dizendo, hoje logo cedo, poxa, que estupidez que loucura que insensatez, bom, o meu colega que sempre foi um profissional compenetrado não viu, mas eu, sim, doutor; enquanto a gente colava a segunda folha, um cavalheiro sessentão bem-ajambrado passou, foi até a padaria da esquina, voltou trazendo pão e leite e entrou de novo na casa bonita dele; curioso, eu ainda fui gentil dizendo bom-dia, como vai, mas o cavalheiro sessentão bem-ajambrado não disse nem tique nem taque; sei dizer, doutor, que o trabalho já estava prontinho, colamos todas as folhas, ficou um autidór bonito, hã, esse povo arranja cada modelo, huifa, o doutor viu a fotografia, só calcinha, sem sutiã, que beleza; bom, eu que sou mais apressadinho, mais afoito, desci, fui guardar os petrechos na caminhonete; meu colega ficou lá em cima fazendo arremates; de repente, vejo o labrego sessentão mal-ajambrado saindo da casa dele com um revólver na mão gritando, estramontado, Vai colar safadeza na porta do inferno; depois do tiro, hui, um barulho, pá, quando se estatelou na calçada, babau, o corpo do meu colega já não tinha mais vida, não senhor, doutor delegado.

O garimpeiro

Sem emprego, comendo o que o diabo enjeitou, seu amigo urumbemba aqui vivia numa trabuzana daquelas; o jeito foi danar-se no mundo, hic, deixando mulher e filhos na casa do sogro; sofri tanto, enfrentei, como você bem sabe, hic, homens extremamente sagazes e mulheres extremamente astutas, mas depois de seis meses trabalhando nestas lavras diamantinas consegui finalmente juntar um bom capital; ora, amigo, não fique avexado, e daí que você derrubou cerveja na minha passagem de avião, hic, não se avexe, repito, o urumbemba aqui não vai voltar pra casa, não mesmo, nunca jamais, nunquinha, hic; também pudera, depois desta carta que chegou justamente hoje, dia em que o urumbemba aqui ia voltar de vez pra casa; vamos, amigo, leia de novo em voz alta, leia, hic, diacho de soluço que não pára, vamos, leia de novo em voz alta aquela parte em que ela, hic, a pastrana da minha mulher conta

que cansou de bancar a Penélope, hic, pregou um pé na bunda da solidão e foi morar com o farmacêutico vizinho do pai dela, hic...

O sapateiro

Aconteceu semana passada, quarta-feira, tarde chuvosa, carro bonito parou aqui na porta e a moça dona dele, de saia justa, amarela, desceu descalça segurando um pé de sapato na mão esquerda; quebrou, disse ela, a moça morena encantadora; desembaraçada, foi logo sentando no banquinho, esse aí onde você está; peguei mais que depressa o sapato dela e examinei o salto Luís XV; trabalhinho meticuloso, exigia concentração; de repente, erê, olhei de soslaio e vi a morena escarolada tirando a meia de seda molhada da perna esquerda, veio desenrolando desde lá de cima; a calcinha dela era amarela, acho, difícil precisar; as coxas, sim, eu vi e posso dizer pro amigo que o Céu é aqui na Terra; situação constrangedora pro seu amigo relambório aqui, setenta e cinco anos no cangote, avô de três netinhos lindinhos e a tal moça morena estonteante fazendo aquilo comigo, desenrolando a meia da perna esquerda, da perna direita, sem cerimônia nenhuma, huifa, o corpo dela parecia o corpo da Sophia Loren aos vinte; minhas mãos tremiam, meu coração estava na boca, hum, a morena me ensofregou pra valer; depois, pegou o par de meias encharcadas, jogou naquela lata de lixo ali, perguntando se tinha toalha, tem pano limpo, respondi; ela sentou outra vez no banquinho, esse aí, enxugou devagar os pés, as canelas, os joelhos, as coxas, tudo sem pressa, displicentemente; eu me sentia um ser fantasmal/irreal, como queira; a danada parecia estar sozinha no quarto dela; minha vontade era deixar o martelo prum lado, Luís XV pro outro, e ficar olhando a morena escarolada enxugando lentamente a coxa esquerda, a coxa direita, mas não consegui, amigo, a maior parte do tempo fiquei com aquele olhar de vaca laçada, consertando a trouxe-mouxe o sapato dela, huifa, foram os dez/quinze minutos mais deliciosos da minha vida; a moça pagou dobrado; o corpinho saiu na ponta dos pés, entrou no carro, vruuummm, bateu a linda plumagem; semana inteira fico pensando nas coxas dela, na calcinha dela, huifa, meus netinhos lindinhos falam comigo, qual!, ninguém consegue desencantar este meu olhar fugidio.

O palhaço

Sim, me aposentei há três meses, sosseguei o facho, como se diz, vida nômade nunca mais, cada mês numa cidade diferente, todo santo dia vestir a mesma roupa, preparar a mesma maquiagem, fazer as mesmas pilhérias e momices, dar as mesmas cambalhotas, para nada dizer daquela charanga, irra, o truão aqui já não agüentava mais o funfungagá nos ouvidos, sim, o senhor tem razão, estou desagradecendo os desígnios de Deus, ao fim e ao cabo valeu a pena, é preciso ter um coração de pedra para não se inebriar diante duma platéia infante rindo a bandeiras despregadas,

conforme ia dizendo, me aposentei, bom, acho melhor a minha própria esposa explicar agora pro senhor o motivo pelo qual a encabruada cismou de repente que só faz sexo comigo se o azabumbado aqui se vestir a caráter, sim, senhor doutor, com maquiagem e tudo...

O engraxate

Muito mais, ih, só aqui no centro comercial trabalho há dez anos; é verdade, com a digamos epidemia do tênis, fu, o movimento caiu assustadoramente, mas não adianta gungunar; latinhas... taí uma pergunta difícil, mas se eu fosse colocar uma latinha em cima da outra, fu, que impaire isteite coisa nenhuma, afinal, volto a repetir, só aqui no centro comercial trabalho há dez... Deus! ó Deus!, atingi em cheio a unha encravada do doutor, atingi?, perdão, doutor, poxa, eu não deveria ter atendido este maldito celular...

O sineiro

Conforme estava dizendo, querida, ele era zanaga, cambaio, coxo, surdo, mondrongo mesmo, a feiúra em forma de gente, mas veja só que privilégio, ele, Quasímodo, foi nada mais, nada menos que o sineiro de Notre-Dame de Paris; eu, puh, trabalho nesta igrejinha encravada no cornimboque do Judas, cujo sino produz um som chocho-reles, coisas desse naipe; ele, Quasímodo, conseguia ricas escalas e floreios de sons encantadores; o homem de membros bestiais saltava, trepava, foliava no meio dos abismos da gigantesca catedral parisiense; Victor Hugo escreveu quase quinhentas páginas sobre o sineiro Quasímodo; eu, você já conhece a história, mas não custa nada repetir, dois anos atrás apareceu aqui na cidade um escritor escamurrengado prometendo escrever um miniconto a meu respeito, você sabe, ele deixou bem claro, desde o início, que não citaria o meu nome, o seu, nem o nome desta igrejinha e muito menos o nome da cidadela encravada aqui no cornimboque do Judas onde nascemos; estilo, querida, ele deixou bem claro, desde o início, es-ti-lo.